O Obsoletismo da Especulação Enumerativa do Sistema Sāmkhya

Octavio da Cunha Botelho

RESUMO

Apesar do primitivismo e do obsoletismo das especulações, as doutrinas do Sāmkhya ainda são reconhecidas como atuais e acreditadas por muitos devotos nas religiões hindus e por Novos Movimentos Religiosos da Índia. Então, vishnuistas, shivaístas, praticantes de yoga, teósofos e esoteristas entendem que a “cosmologia” dos tattwas é uma revelação eterna, portanto atual. Entretanto, sem conhecimento do mecanismo por trás das mudanças ao longo dos tempos, os especuladores antigos só foram capazes de entender o mundo desde uma perspectiva sincrônica, ou seja, tudo sempre foi do modo que está agora. Com isso, a categorização e a enumeração de coisas e de fenômenos eram visões esclarecedoras para os antigos, pois colocavam as coisas em seus devidos lugares e em ordem hierarquizada. Este estudo pretende mostrar e analisar o problema anacrônico em atribuir atualidade para as especulações enumerativas do sistema Sāmkhya.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema Sāmkhya, Enumeração, Categorias, Sāmkhya Kārikā

ABSTRACT

Despite the primitivism and obsolescence of speculation, the doctrines of Sāmkhya are still recognized as current and followed by many devotees in Hindu religions and by contemporary movements. So Vaishnavas, Shaivas, Yoga practitioners, Theosophists and Esotericists understand that the tattwas "cosmology" is an eternal, therefore current, revelation. However, without knowledge of the mechanism behind the changes over time, ancient speculators were only able to understand the world from a synchronous perspective, that is, everything has always been the way it is now. Thus, the categorization and enumeration of things and phenomena were enlightening views for the ancients, as they put things in their proper places and in a hierarchical order. This study intends to show and analyze the anachronistic problem in attributing topicality to the enumerative speculations of the Sāmkhya system.
KEYWORDS: Sāmkhya System, Enumeration, Categories, Sāmkhya Kārikā

Novembro/2020

A Importância da Categorização na Antiguidade

Sem conhecimento do processo evolutivo da natureza, classificar tudo através de categorias e de classes, compostas por itens que se imaginavam ser imutáveis, era um meio útil de entender o mundo para os pensadores da Antiguidade. A importância em categorizar era tanta que os organizadores do Corpus Aristotelicum, a coleção de escritos de Aristóteles, colocaram o texto Κατηγορίαι – Categoriai (Categorias) no início não só do grupo dos textos sobre Lógica, o Organon, mas também de toda a coleção do Corpus Aristotelicum. Para entender o pensamento aristotélico, é necessário o conhecimento das Categorias, pois serve como uma introdução ao pensamento do filósofo de Estagira. De fato, é através da categorização que as ideias e os objetos são identificados, reconhecidos, diferenciados e classificados, ou seja, a categorização auxilia na organização dos objetos e das criaturas do mundo em grupos, classes, tipos e espécies, com o fim de identifica-los em suas diferenças com os outros objetos e espécies. Abaixo as 10 Categorias Aristotélicas (Cooke, 1955: 16s):

(1) Substância, gr. οὐσίαν, ousian; latim: substantĭa

(2) Quantidade, gr. ποσόν, posón; latim: quantitās
(3) Qualidade, gr. ποιόν, poión; latim: quālĭtās
(4) Relação, gr. πρός τι, prós ti; latim: relātĭō
(5) Lugar, gr. ποῦ, pou; latim: ubī
(6) Tempo, gr. ποτέ, poté; latim: quando
(7) Estado, gr. κεῖσθαι, keisthai; latim: situs
(8) Postura, gr. ἔχειν, echein; latim: habere
(9) Ação, gr. ποιεῖν, poiein; latim: āctiō
(10) Paixão, gr. πάσχειν, paschein; latim: passĭō

Embora ambas possam ser denominadas de categorias, existem significativas diferenças entre as Categorias (Κατηγορίαι) aristotélicas e as Categorias (तत्त्वानि – Tattwas)[1] do Sāmkhya. As primeiras são físicas e não hierarquizadas, enquanto as segundas são metafísicas e hierarquizadas, tal como veremos em seguida.

Um exemplo semelhante é o Dhammasanganī (Compendio dos Elementos da Existência), também o primeiro livro na coleção do

---

[1] तत्त्वम्– *Tattwam* é um termo sânscrito de difícil tradução. Trata-se da combinação das palavras तत् (*tat*), aquilo, mais a terminação त्वम् (*twam*), que é uma terminação para dar o sentido equivalente ao de "idade" no português, tal como na palavra feliz + idade = felicidade. Então, literalmente, *Tattwam* significa "aquilidade". Entretanto, o termo é mais comumente traduzido por "princípio da existência", "elemento da existência", "categoria" ou "realidade".

Abhidhamma Pitaka (Coleção dos Textos Especulativos) do Cânone Páli do Budismo Theravāda. Um texto com longas enumerações e cansativas repetições[2] de listas de dhammas (sânscrito: dharmas), Elementos da Existência, algo como Categorias Budistas, alguns dhammas são correspondentes aos tattwas da tradição Sāmkhya, cujo texto serve como introdução ao estudo das especulações budistas (Rhys Davids, 1975).

Também, no estudo dos Seis Sistemas Ortodoxos do Hinduísmo (षड्दर्शनानि - Shaddarshanāni), o estudo é feito na seguinte ordem de sistemas associados (samānatantras): Nyāya/Vaisheshika (Lógica e Atomismo), Sāmkhya/Yoga (Categorização dos Princípios e Disciplina da Meditação) e Mīmānsā/Vedānta (Ritualismo e Especulação sobre o Ser Supremo). De modo que o estudo se inicia com o aprendizado do Atomismo (vishesha) e dos

---

[2] As repetições são tão exaustivas neste texto que a tradutora não reproduz os parágrafos repetitivos, ao contrário, remete o leitor a consultar os parágrafos anteriores de onde as repetições são extraídas. Uma vez que as repetições são numerosas, a leitura se torna um "vai e volta" de páginas muito cansativo, em uma obra de quase 400 páginas. A repetição de trechos não é uma peculiaridade apenas do Dhammasanganī, mas um traço comum em muitos textos da literatura budista, quer Páli ou Sânscrita.

Princípios da Existência (tattwas), dos sistemas Vaisheshika e Sāmkhya respectivamente, portanto se inicia com o estudo das categorias.

Parece que, até certo ponto, existia um consenso entre os pensadores, na Antiguidade, de que a primeira lição para se entender as especulações ou as filosofias era o conhecimento preliminar das Categorias (tattwas, dhammas, categoriai, padārthas, etc.).

Significado da Palavra Sāmkhya

O termo साख्यं - Sāmkhyam, no gênero neutro e no caso nominativo, o qual aparece grafado na escrita devanāgarī como साख्यं - Sāmkhyam (Apte, 1978: 978) ou como साङ्ख्यं - Sānkhyam (spokensanskrit.org), é o nome deste sistema, que deriva do adjetivo साख्य - sāmkhya (relativo ao número, ao cálculo, à enumeração, numeral, numérico) e do substantivo feminino संख्या - samkhyā, que significa: “número”, “cálculo”, “contagem” e “enumeração”. Como um adjetivo, o termo सांख्य – sāmkhya se refere a qualquer conjunto ou agrupamento e pode ser utilizado em qualquer investigação, na qual a enumeração ou o cálculo é um traço importante (exemplo: matemática, contabilidade, etc.). Como um substantivo masculino, सांख्य - sāmkhya se refere a alguém que calcula, enumera ou discrimina

(exemplo: um calculista, um contador, etc.). Como um substantivo neutro, सांख्यं - sāmkhyam, o termo se refere ao nome de um antigo sistema de especulação surgido na Índia. Também, outras palavras relacionadas são o verbo संख्या - samkhyā, “contar”, “calcular”, “somar” e “enumerar”, daí o adjetivo संख्यातित - samkhyātita, “inumerável”.

Gerald J. Larson definiu o sistema Sāmkhya[3] assim: “um sistema específico de filosofar dualístico que procede através do método de enumerar os conteúdos da experiência e do mundo com o propósito de atingir a liberação radical (moksha, kaivalya) da frustação e do renascimento” (Larson, 1987: 03). Em função do meio no qual este filosofar se desenvolveu, o Sāmkhya é uma combinação de especulação cosmológica e reflexão sobre crenças religiosas.

Desenvolvimento do Conceito de Sāmkhya

Em seu sentido mais antigo, o termo Sāmkhya significava um esquema metodológico

---

[3] Sāmkhyam é o nome deste sistema com a palavra neutra no caso nominativo, porém a maioria dos autores, para efeito de simplificação, prefere denominar este sistema com a palavra sem a terminação que identifica o caso, isto é, Sāmkhya, portanto esta será a grafia que será utilizada em diante.

de investigar os componentes de um assunto, tal como uma forma de decomposição para fins de classificação e de enumeração, quer sejam os componentes do corpo humano, ou os componentes do sacrifício ritual, ou os componentes do céu ou os componentes básicos da formação do mundo e da vida. Neste sentido, a especulação Sāmkhya é incluída como uma das modalidades de Ānvīkshikī (Ciência da Investigação), juntamente como a Yoga e o Lokāyata (Materialismo), no Arthashāstra de Kautilya (Radhakrishnan, 1989: 198). Na fase inicial, o método por excelência para começar a investigação de algo era através da enumeração dos seus componentes, por meio de um raciocínio sistemático de decomposição. Sendo assim, Ānvīkshikī não era uma filosofia, tal como entendemos o termo hoje, mais especificadamente, era "uma espécie de investigação 'científica' geral por meio da enumeração sistemática de princípios básicos" (Larson, 1987: 04). Esta prática, com o tempo, foi introduzida em outras tradições, por isso agora encontramos tantas doutrinas, quer sejam hindus ou budistas, com inúmeras enumerações (classificações) de componentes de um determinado tema, algumas vezes em ordem hierarquizada. Por exemplo, alguns textos budistas estão repletos de longas e cansativas enumerações de virtudes, de vícios, de leis

morais, de regras monásticas, etc., bem como de componentes (Dhammas – Elementos) da existência (exemplo: o Dhamma Sangati, o primeiro livro da coleção Abhidhamma Pitaka). Enfim, neste antigo período inicial do desenvolvimento, Sāmkhya não era ainda um sistema de pensamento (darshana), tal como se tornaria no futuro, pois o foco nesta fase era mais na metodologia de como investigar e não no conteúdo das ideias resultantes desta metodologia. Neste período, o raciocínio começou a ser utilizado, porém era um raciocínio que ainda não estava dissociado do imediatismo da experiência empírica, da herança acumulada das práticas rituais e da autoridade sacerdotal. Mesmo assim, havia sim alguma tentativa pela independência intelectual e um crescente reconhecimento de que o pensamento em si podia ser uma atividade autônoma para a compreensão do mundo e da vida.

Enquanto que, no período mais antigo, o termo Sāmkhya significava geralmente qualquer conjunto enumerado de princípios, em um período seguinte, a noção se transformou em uma metodologia de raciocínio que resulta no conhecimento espiritual (vidyā, jnāna, viveka), a qual conduz à libertação do ciclo de nascimentos e mortes. Isto é, a soteriologia é introduzida na noção de Sāmkhya. Em outras palavras, o termo Sāmkhya assume também um caráter religioso, no

qual a enumeração serve de preparação para a discriminação do caminho que conduzirá à libertação do sofrimento e do renascimento. O termo Sāmkhya não significa mais apenas um esquema de enumeração e de classificação de princípios, tal como no período anterior, agora ele tem um papel emancipador. Os principais exemplos desta noção neste período são as noções de Sāmkhya nos antigos Upanixades, no Mokshadharma e no Bhagavad Gītā. Portanto, "é neste segundo período que o Sāmkhya se torna uma noção predominante naqueles ambientes nos quais a meditação, os exercícios espirituais e a cosmologia religiosa representavam assuntos cruciais" (Larson, 1987: 05). Enfim, o Sāmkhya torna-se uma metodologia para alcançar a salvação através do conhecimento discriminativo.

Em um terceiro período de desenvolvimento, Sāmkhya assume o significado de um sistema, quando definitivamente se organiza como uma corrente especulativa. Pois, é neste período que se consolida o processo de homologação e de canonização das ideias nucleares tais como a uniformização do número de tattwas, juntamente com a precisa ordem da enumeração, a oficialização da pluralidade dos purushas, o reconhecimento dos instrumentos do conhecimento (pramānas), o desenvolvimento do interesse pela inferência (anumāna), da noção de Prakrti e das Gunas, bem como o papel destas

últimas na criação, o estabelecimento da ideia da preexistência do efeito na causa (satkārya) e, finalmente, a participação frequente dos seus seguidores em debates com sistemas rivais, o que proporcionou reconhecer os contrastes com outras correntes especulativas e religiosas. É neste período que os textos sistematizando as ideias são compostos, sobretudo aquele que se tornaria o texto de referência, o Sāmkhyakārikā de autoria de Ishwarakrshna (c. 350-450 e.c.), bem como os muitos comentários que seguiram. Em razão da pluralidade de textos sobreviventes, é nesta fase que a história da tradição Sāmkhya pode ser melhor compreendida. Este período do Sāmkhya ficou historicamente conhecido por Sāmkhya Clássico.

Em sua fase mais adiantada e sistematizada, o Sāmkhya finalmente se tornou um dos Saddarshanāni (सड्दर्शनानि - Seis Sistemas Ortodoxos de Pensamento Hindu), juntamente com o Nyāya (Lógica), Vaisheshika (Atomismo), Yoga (Método de Meditação), Mīmānsā (Ritualismo) e Vedānta (Teologia).

Os Períodos de Desenvolvimento

Gerald J. Larson dividiu em quatro períodos históricos (1979: 75s):

1) As Antigas Especulações: começando com os especulativos hinos védicos até os mais antigos Upanixades. Este período se estende desde os séculos IX e VIII a.e.c. até o surgimento do Jainismo e do Budismo no século V a.e.c.
2) As Especulações Proto-Sāmkhyas: incluem os Upanixades do período mediano, o Bhagavad Gītā e o capítulo Mokshadharma do Mahābhārata. Este período se estende desde o século IV a.e.c. até o século I e.c. Nestes dois primeiros períodos, tal como vimos acima, Sāmkhya ainda não era um sistema organizado, mas apenas um esquema metodológico de enumeração dos componentes de objetos ou de temas (exemplos: tattwas e gunas) mediante ou não uma ordem hierarquizada. Também, um meio de alcançar libertação do sofrimento através do conhecimento ou do raciocínio.
3) As Especulações do Sāmkhya Clássico: inclui o Sāmkhya Kārikā de Ishwarakrshna, o Yoga Sūtra e os comentários correspondentes. Este período se estende desde o século I e.c. até os séculos X e XI e.c. A maioria dos autores considera este o Sāmkhya por excelência, quando o mesmo se organizou como um sistema.

4) Renascimento ou Especulações Sāmkhyas Tardias: inclui o Sāmkhyapravachana Sūtra e os seus comentários, juntamente com o Tattwasamāsa Sūtra. Se estende desde o século XV e.c. até o século XVII e.c. Neste período, o sistema Sāmkhya foi infiltrado por ideias teístas e vedantinas.

A Enumeração dos 25 Tattwas do Sāmkhya Clássico

Antes da teorização e, em seguida, da confirmação do fenômeno da Evolução, as filosofias antigas se preocupavam muito com a rigorosa classificação dos itens em categorias rígidas, ou seja, eram especulações que chegavam a resultados tipológicos. Classificar coisas, fenômenos e experiências em categorias era um grande feito investigativo no passado, muitos antigos pensavam que a categorização era um suficiente esclarecimento sobre a natureza das coisas, ou seja, antes do surgimento da ciência experimental, o trabalho de enumerar itens dentro de uma categoria ou classe era suficientemente esclarecedor. Entretanto, após o recente surgimento da Teoria da Evolução e, mais influentemente, a confirmação do fenômeno da Evolução, este ímpeto classificatório perdeu força na pesquisa, embora não tenha desaparecido, para então reconhecer que coisas, espécies e

fenômenos não podem ser tão imutavelmente classificados dentro de rigorosas categorias, em razão do processo evolutivo. Os itens ou fenômenos de uma categoria evoluem ou se justapõem com itens de outras categorias, quando se leva em conta os bilhões de anos de evolução natural. Assim, algumas especulações do passado exageraram na ênfase classificatória e uma delas foi aquela registrada no sistema Sāmkhya. Além deste último, o Budismo, o Jainismo e o atomismo Vaisheshika são eminentemente interessados em categorizações de elementos da existência: Dharmas (páli: Dhammas – Elementos da Existência), Dravyas (Substâncias) e Padārthas (Categorias) respectivamente.

Abaixo a enumeração dos 25 Tattwas (तत्त्वानि - Tattwāni - Princípios da Existência) do Sistema Sāmkhya Clássico:

(1) Pura Consciência (पुरुष - Purusha)
(2) Matéria Primordial (प्रकृति - Prakrti)
(3) Intelecto (महत् - Mahat ou बुद्धि - Buddhi)
(4) Egoísmo (अहंकार - Ahamkāra)
(5) Mente (मनः - Manas)

Os 5 Órgãos do Conhecimento (ज्ञानेन्द्रियाणि - Jnānendriyāni ou Buddhendriyāni):
(6) Ouvido (श्रोत्रं - Shrotram)

(7) Pele (त्वच् - Twach)
(8) Olho (चक्षु - Chakshu)
(9) Língua (जिह्वा - Jihwā)
10) Nariz (नासा - Nāsā)

Os 5 Órgãos da Ação (कर्मेन्द्रियाणि - Karmendriyāni):
(11) Voz (वाच् - Vāc)
(12) Mãos (पाणि - Pāni)
(13) Pés (पाद - Pāda)
(14) Anus (पायु - Pāyu)
(15) Órgão de reprodução (उपस्थ - Upastha)
Os 5 Princípios Sutis (तन्मात्राणि - Tanmātrāni):
(16) Som (शब्द - Shabda)
(17) Tato (स्पर्श - Sparsha)
(18) Forma (रूप - Rūpa)
(19) Gosto (रस - Rasa)
(20) Odor (गन्ध - Gandha)

Os 5 Elementos Densos (महाभूतानि - Mahābhūtāni):
(21) Éter/espaço (आकाश - Ākāsha)
(22) Ar (वायु - Vāyu)
(23) Fogo (तेजस् - Tejas)
(24) Água (अप् - Ap)
(25) Terra (पृथिवी - Prthivī)

As Diferenças nas Enumerações dos Tattwas

Apesar do cuidado em enumerar, as enumerações nem sempre foram uniformes nas diferentes épocas e nos distintos autores.

Uma primeira enumeração rudimentar da estrutura do cosmos, a qual pode, de certa maneira, ser denominada de classificação proto-*Sāmkhya,* é mencionada no *Bhagavad Gītā* na passagem VII.04, com apenas oito *Tattwas* (Princípios da Existência):

> "Terra (*bhūmi*), água (*āpas*), fogo (*anala*), ar (*vāyu*), éter[4] (*kham*), mente (*manas*),

---

[4] O termo sânscrito *Kham* (ou *Akāsha*) é comumente traduzido por éter. Este último, na física ocidental, até pelo menos no século XIX, era entendido como uma substância de grande elasticidade e sutileza, a qual compenetrava o espaço estelar e planetário, não apenas preenchendo os espaços interplanetários, mas também os espaços intermediários entre as partículas do ar e as outras matérias na Terra, o meio pelo qual as ondas de luz se propagavam. No entanto, há uma diferença, *Kham* (*Akāsha*) não está, para os hindus, associado à luz, mas sim ao som, o meio pelo qual o som se propaga. Semelhante ao éter ocidental, *Kham* (*Akāsha*) também significa espaço etéreo e é as vezes substituído por *antariksha* (atmosfera), o espaço entre a Terra e o Céu. Mas, como um dos Cinco Elementos (*Mahābhūtas*), ele é concebido como uma substância sutil e penetrante, preenchendo os intervalos entre as partículas da matéria na

> intelecto (*buddhi*) e autoconsciência (*ahamkāra*), esta é a minha Matéria (*Prakrti*) dividida em oito partes".

Mais adiante, nas passagens XIII.02 e 05, uma enumeração mais articulada e mais próxima ao modelo do *Sāmkhya* Clássico[5] é mencionada com vinte e cinco *Tattwas*:

> "Os Grandes Elementos (*Mahābhūtāni*), Egoísmo (*Ahamkāra*),[6] Intelecto (*Buddhi*) e

---

Terra (Edgerton, 1965: 257n2). Na cosmologia aristotélica, o universo se dividia em duas regiões: o mundo sublunar e o mundo supralunar. A primeira região (sublunar) cobria a Terra e o ar até a Lua e era composta pelos quatro elementos (ar, fogo, água e terra). Na segunda região (supralunar), os corpos celestiais moviam naturalmente em movimentos eternos, uniformes e circulares, sem estarem sujeitos às leis terrestres. As estrelas, os planetas e as esferas celestiais eram compostos de uma espécie de matéria inteiramente diferente, isto é, o éter, a substância divina ou o quinto elemento (*quinta essentia*). Diferente da matéria do mundo sublunar, o éter celestial era puro e incorruptível (Kragh, 2007: 22).

[5] Uma curiosidade no *Gītā* é o fato de que a palavra *Sāmkhya* é mencionada algumas vezes, bem como a enumeração dos *Tattwas*, porém não é mencionado que os *Tattwas* são um tema da tradição *Sāmkhya*.

[6] O termo अहंकार - *ahamkāra*, literalmente: *aham* "eu" + *kāra* "autor", portanto "eu-autor", mais claramente: "eu sou o autor", transmite a ideia de egoísmo e de egocentrismo. O

> o Imanifestado (*Avyaktam*), os dez sentidos (*dashendriyāni*),[7] o um (Mente)[8] e os cinco pastos dos sentidos (*indriyagocharāh*)"[9] (XIII.05).

---

termo é traduzido diversamente: sentido de eu, individualidade, egoísmo, autoconsciência, egocentrismo, etc.

[7] Estes dez sentidos (*indriyas*) são: os Cinco Órgãos do Conhecimento (*Jnānendriyas*), olhos, ouvidos, nariz, língua e pele; e os Cinco Órgãos da Ação (*Karmendriyas*), mãos, pernas, boca, órgão genital e órgão de excreção.

[8] A Mente (*manas*) é curiosamente denominada de "um" (*ekam*) nesta passagem, por ser o décimo primeiro sentido.

[9] A palavra composta इन्द्रियगोचराः - *indriyagocharāh* tem um sentido poético nesta passagem, talvez a fim de metaforizar a palavra क्षेत्र - *kshetra* (campo) mencionada nos versos anteriores, uma das tantas belezas poéticas do *Gītā*. *Gochara* é uma palavra composta que combina गो - *go* (vaca) + चर - *chara* (alcance, extensão, horizonte, pastagem, pasto), portanto, literalmente, *gochara* significa "área de alcance do gado", "campo de pastagem do gado" ou "pasto do gado", por isso foi traduzida literalmente por "cinco pastos dos sentidos" (*pañcha indriyagocharāh*). A maioria dos tradutores a traduz interpretativamente por "cinco objetos dos sentidos", o que é esclarecedor, mas encobre a metáfora desta passagem. Estes objetos são os पञ्च तन्मात्राणि - *Pañcha Tanmātrāni* (lit. as cinco medidas do aquilo), ou seja, os cinco objetos correspondentes aos órgãos dos sentidos: som (*shabda*), tato (*sparsha*), forma (*rūpa*), gosto (*rasa*) e odor

O vigésimo quinto *Tattwa* é o *Kshetrajna* (Conhecedor do Campo), mencionado no verso XIII.02: “Conheça-me como o Conhecedor do Campo em todos os campos... (क्षेत्रज्ञं चापि मां विद्धि सर्वक्षेत्रेषु – *kshetrajnam chāpi mām viddhi sarvakshetreshu*)”. Este Conhecedor do Campo (*Kshatrajna*) corresponde aproximadamente ao *Purusha Tattwa* do *Sāmkhya* Clássico.

Em outra passagem, estes *tattwas* (Princípios da Existência) são enumerados hierarquicamente:

> “Eles (os sábios) dizem que os sentidos (*indriyas*) são superiores. A mente (*manah*) é superior que os sentidos. O intelecto (*buddhi*) é superior à Mente. Aquilo que é superior ao intelecto é Ele”[10] (III.42).

No capítulo Mokshadharma do épico Mahābhārata XII.267.28 (Edição Crítica) são mencionados 17 tattwas e um 18º, a Alma (देहिन् -

---

(*gandha*). Por ser um texto mítico-poético, o *Gītā* possui outras passagens como essa acima, porém, muitas delas são encobertas por traduções adaptativas que procuram transmitir a ideia de que o *Gītā* é um texto com uma linguagem dos dias de hoje (ver: Botelho, 2020).

[10] Este “Ele” é o आत्मन् - Ātman (Eu), tal como a referência no verso seguinte III.43. Este verso é muito semelhante ao verso III.10 no Katha Upanishad, bem como a passagem Mokshadharma XII.267.16 (Edição Crítica) do Mahābhārata (Edgerton, 1965: 288).

Dehin). Logo, em um verso adiante, XII.267.30, são mencionados 20 tattwas (Edgerton, 1965: 289-90). Já a passagem do Mokshadharma XII.306.53-72 menciona 24, 25 e 26 tattwas (idem: 328-9).

Entretanto, quando voltamos para os sistemas mais tardios, aqueles que absorveram parcialmente a cosmologia tattwica do Sāmkhya, percebemos um aumento no número de tattwas, a fim de adaptar a cosmologia Sāmkhya às suas respectivas teologias. Por exemplo, o Shivaismo da Caxemira enumera 36 tattwas, ou seja, os 25 tattwas do Sāmkhya, reconhecidos como tattwas da experiência individual limitada, e mais 11 tattwas antecessores mais sutis, conhecidos como os tattwas da experiência universal. Estes últimos em ordem hierarquizada são: 1.Shiva tattwa, 2.Shakti tattwa, 3.Sadāshiva tattwa, 4.Ishwara tattwa, 5.Sadvidyā tattwa, 6.Māyā tattwa, 7.Kalā tattwa, 8.Vidyā tattwa, 9.Rāga tattwa, 10.Kāla tattwa, 11.Niyati tattwa, daí em diante a mesma enumeração dos 25 tattwas do Sāmkhya Clássico, totalizando os 36 tattwas (para uma descrição de cada um destes 36 tattwas, ver: Singh, 1982: xxi-xxviii).

No Bhāgavata Purāna XI.19.14, vinte e nove tattwas são enumerados, sendo os 25 do Sāmkhya, mais os 3 Estados da Matéria, satwa,

rajas e tamas,[11] os quais somam 28, mais um 29º, o Paramātman, compenetrando todos os demais (Tagare, 1989, part V, 2030). Parece que as divergências nas enumerações eram conhecidas e representavam preocupações no passado, pois, em uma passagem mais adiante do mesmo livro, XI.22.2-3, Uddhava, atordoado, pergunta ao Senhor porque “alguns dizem que o número de categorias (tattwas) é vinte e seis, outros vinte e cinco, alguns outros sete; alguns declaram ser dezesseis, quatro ou onze respectivamente; enquanto outros afirmam que é dezessete, alguns dezesseis, enquanto outros treze. Por gentileza, me explique, ó Senhor, com quais pontos de vista os sábios diversamente declaram uma tal variedade no número total de categorias (tattwas)” (Idem, 2050). Em seguida, nos versos 14-25 do mesmo capítulo, o Senhor enumera os tattwas de cada uma das enumerações mencionadas na dúvida de Uddhava (Tagare, 1989, part V, 2052-4). Os tattwas são frequentemente citados e descritos no Bhāgavata Purāna, algumas passagens mais extensas são: II.5, III.5, III.7 e XI.22, através de uma interpretação consideravelmente diferente do Sāmkhya Clássico, sobretudo pela inclusão do caráter teísta.

---

[11] Curiosamente, os três Estados da Matérias (Gunas) são enumerados como Tattwas (Categorias) nesta passagem.

No Ahirbudhnya Samhitā VIII.1-23, uma obra da tradição Pāncharātra,[12] o discípulo Nārada, também atordoado com a diversidade de enumerações dos tattwas, "reclama que existem tantas opiniões diferentes sobre a criação, alguns sustentado que ela é efetuada por três elementos (tattwas), outros admitindo quatro, outros cinco, seis, sete, oito, nove, dez ou onze elementos (tattwas) ...". Em seguida, Ahirbudhnya responde "que a diversidade de opinião tem diversas causas: primeiro, a impossibilidade natural da linguagem humana de expressar adequadamente as verdades relativas ao Absoluto; então, aquela pessoa ignorante de sinônimos (aparyāyavido janāh) frequentemente confunde diferentes nomes com diferentes coisas; que as conquistas intelectuais dos homens diferem consideravelmente e, finalmente, que Deus tem um número infinito de diferentes aspectos, um dos quais só é, geralmente, compreendido e ensinado por um filósofo" (Schrader, 1995: 119-20).

Neste Ahirbudhnya Samhitā, os tattwas do Sāmkhya são enumerados no capítulo VII, com alterações e a introdução de subdivisões dos tattwas, em uma fase da criação conhecida neste sistema por Criação Impura (Ashuddhasrshti), depois das exposições da Criação Pura (Shuddhasrshti), no capítulo V, e da Criação

[12] Uma tradição vishnuísta ainda popular no sul da Índia.

Intermediária (Shuddhāshuddhasrshti), no capítulo VI (Matsubara, 1994: 203-38 e Schrader, 1995: 33-90).

As Muitas Enumerações

Segundo este sistema, os dois primeiros Princípios, Purusha (Pura Consciência) e Prakrti (Matéria Primordial), existem distintos e separados um do outro. Ambos não são criados, estão fora do tempo e do espaço, são estáveis, simples, não são suportados por qualquer outra coisa, não emergem e não dissolvem, não tem partes e são independentes. A Pura Consciência (Purusha) é inativa, portanto não cria. A Matéria Primordial (Prakrti) é criadora, no sentido de gerar um conjunto de princípios (tattwas) agrupados em subdivisões, quando é ativada pela presença catalizadora do Purusha (Pura Consciência). A relação entre Purusha e Prakrti é apenas de co-presença.

As propriedades do Purusha (espírito) são enumeradas no verso 19 do Sāmkhya Kārikā:

(1) “Testemunhalidade” (साक्षित्व - sākshitwam, a propriedade se ser apenas testemunha de qualquer ação)
(2) Isolação (कैवल्य - kaivalyam)
(3) Indiferença (माध्यस्थ्य - mādhyasthyam)

(4) “Espectadicidade” (द्रष्टृत्वं - drashtrtwam, a propriedade de ser espectador de todas as ações) e
(5) “Inagenticidade” (अकर्तृ - akartr, a propriedade de não ser um agente das ações que acontecem no mundo).[13]

Prakrti (02) é apenas criadora e não criada, dela emanam os 23 tattwas do universo manifestado (vyakta), do 03 ao 25. Esses são caracterizados na seguinte enumeração (kārikā 10), o manifestado (vyakta) é:

(1) Dependente de uma causa (हेतुमत् - hetumat)
(2) Efêmero (अनित्यं - anityam)
(3) Finito (अव्यापि - avyāpi)
(4) Ativo (सक्रियं - sakriyam)

---

[13] A fim corresponder aos substantivos no original sânscrito, foi necessária a criação de substantivos no português (testemunhalidade, espectadicidade e inagenticidade). Para evitar esta dificuldade, alguns tradutores transformaram estes substantivos em adjetivos: testemunha, isolado, indiferente, espectador e inativo), ver: Sinha, 1915, apêndix VI, 18; Takakusu, 1932: 27 e Larson, 1979: 261-2; alguns misturaram substantivos com adjetivos: Jha, 1965: ८६ e Radhakrishnan, 1989: 432; e outros traduziram todos no substantivo: Sharma, 1933: 30; Kumar, 1992, vol. II, 148 e Burley, 2007: 168.

(5) Múltiplo (अनेकं - anekam
(6) Dependente (आश्रितं - āshritam)
(7) Dissolúvel (लिङ्गं - lingam)[14]
(8) Composto (सावयवं - sāvayavam)
(9) Subordinado (परतन्त्रं - paratantram)

Outra classificação é a seguinte, segundo o Kārikā 03:

(1) Tattwa 02, criativa e não criada (अविकृतिः - avikrtih): a Matéria Primordial (Prakrti)
(2) Os 07 Tattwas (03, 04 e do 16 ao 20) criados e criadores (प्रकृतिविकृतिः - Prakrti-vikrtih)
(3) Os 16 Tattwas apenas criados (विकृतिः - vikrtih): do 05 ao 15 e do 21 ao 25 (manas, os 05 jnānendriyas, os 05 karmendriyas e os 05 mahābhūtas).

---

[14] Lingam é um termo com muitos significados, por isso as divergências na tradução deste verso. Os que traduziram com o significado de "dissolúvel", extraíram este sentido do comentário de Gaudapāda (Sharma, 1933: 15), do Tattwa Kaumudi de Vāchaspati Mishra (Jha, 1965: ५५) e da versão chinesa de Paramārtha (Takakusu, 1932: 13-4). Shiv Kumar e D. N. Bhargava traduziram lingam por "marca inferencial", conforme a interpretação do comentário Yuktidīpikā (Kumar, 1992, vol. II, 35; ver também: Sinha, 1915: appendix VI, 09).

A classificação em instrumentos internos e externos (Kārikā 33):

(1) Os 03 instrumentos internos (अन्तःकरणं - antahkaranam): Mahat (Intelecto), Ahamkāra (Egoísmo) e Manas (Mente).
(2) Os 10 instrumentos externos (बह्यंकरणं - bāhyakaranam): os 05 jnānendriyas (olho, ouvido, nariz, língua e pele) e os 05 karmendriyas (pernas, mãos, boca, genitais e órgão de excreção).

Conforme o Kārikā 11, o manifestado (व्यक्त - vyakta) é:

(1) Constituído pelas 03 gunas (त्रिगुणाः - trigunāh)
(2) Indiscriminado (अविवेकि - aviveki)
(3) Objetivo (विषय - vishaya)
(4) Comum (सामान्यं - sāmānyam)
(5) Inconsciente (अचेतनं - achetanam)
(6) Prolífero (प्रसवधर्मि - prasavadharmi)

Os 13 Instrumentos (त्रयोदशकरणाः – trayodashakaranāh), kārikā 32:

(1) Os 10 instrumentos caraterizados por prender e segurar (āharana-dhārana): os 05 jnānendriyas (captam e prendem os objetos através da percepção) e os

05 karmendriyas (seguram os objetos através dos membros).

(2) Os 03 instrumentos iluminantes (prakāshāh): Mahat (Inelecto), Ahamkāra (Egoísmo) e Manas (Mente) iluminam os instrumentos dos sentidos proporcionando-lhes desempenhos.

Os 03 corpos são assim classificados (kārikā 39):

(1) Corpo sutil (सूक्ष्मशरीर - sūkshmasharīra) é eterno e invisível

(2) Corpo nascido de pai e mãe (मातापितृजाः - mātāpitrjāh) é perecível e visível

(3) Elementos densos (भूतानि - bhūtāni), terra, água, fogo, ar e éter.

A enumeração das 08 predisposições básicas (bhāvas) do Intelecto (Buddhi), Kārikā 23:

a) As 04 predisposições satwicas:

(1) Mérito (धर्मः - dharmah)

(2) Conhecimento (ज्ञानं - jnānam)

(3) Desapego (विरागः - virāgah)

(4) Poder (ऐश्वर्यं - aishwaryam)

b) As 04 predisposições tamásicas:

(5) Demérito (अधर्मः - adharmah)

(6) Ignorância (अज्ञानं - ajnānam)

(7) Apego (अविरागः - avirāgah)
(8) Impotência (अनैश्वर्यं - anaishwaryam)

As falhas na percepção dos objetos externos podem acontecer por causa:[15]

(1) Da extrema distância (अतिदूरात् - atidūrāt)
(2) Da proximidade (सामीप्यात् - sāmīpyāt
(3) Do dano nos órgãos dos sentidos (इन्द्रियघातात् - indriyaghātāt)
(4) Da ausência da mente, desatenção (मनोऽनवस्थानात् - manoanavasthānāt)
(5) Da sutileza, pequeneza (सौक्ष्म्यात् - saukshmyāt)
(6) Da intervenção de outro objeto, encobrimento (व्यवधानात् - vyavadhānāt)
(7) Da supressão por outros, ofuscamento (अभिभवात् - abhibhavāt)
(8) Da mistura com o que é semelhante (समानाभिहारात् - samānābhihārāt).

O Sistema Sāmkhya defende a ideia de que o efeito já pré existe na causa, uma doutrina

[15] Kārikā 07.

denominada satkārya vāda. Por isso, o efeito existe na causa por razão:[16]

(1) Da impossibilidade do inexistente de ser criado (असतकरणात् - asatakaranāt)
(2) Da necessidade por uma causa apropriada (उपादग्रहणात् - upādānagrahanāt)
(3) Da impossibilidade de todas as coisas surgirem de todas as causas (सर्वसंभवाभावात् - sarvasambhavābhavāt)
(4) Da criação do que é capaz de criar (शक्तस्य - shaktasya)
(5) Da natureza da causa (कारणभावात् - kāranabhāvāt)

Dos Princípios Específicos (Tattwas, do Intelecto até a terra), existe uma causa imanifestada, (Kārikā 15):

(1) Por causa da finitude dos Princípios Específicos (परिमाणात् - parimānāt)
(2) Por causa da homogeneidade (समन्वयात् - samanvayāt)
(3) Por causa da criação através do poder (शक्तः प्रवृत्तेः - shaktah pravrtteh)
(4) Por causa da distinção entre causa e efeito (कारणकार्यविभागात् - kāranakāryavibhāgāt)

---

[16] Kārikā 09. Este é um verso com tradução controvertida, em função da redação concisa para um assunto complexo que exige extensa explicação, por isso de difícil entendimento.

(5) Por causa da uniformidade do mundo (अविभागात् वैश्वरूपस्य - avibhāgāt vaishwarūpasya).

A existência do Purusha (Consciência) é justificada assim no Kārikā 17:

(1) Porque os agregados ou as combinações existem para um outro (संघातपरार्थत्वात् - samghātaparārthatwāt)
(2) Porque este outro deve ficar aparte ou oposto aos três estados da matéria (त्रिगुणादिविपर्ययात् - trigunādiviparyayāt)
(3) Porque deve haver poder controlador (अधिष्ठानात् - adhishthānāt)
(4) Por causa da existência ou da necessidade de um desfrutador de prazer e dor (भोक्तृभावात् - bhoktrbhāvāt)
(5) Porque a atividade existe por causa da liberação (कैवल्यार्थं प्रवृत्तेः - kaivalyārtham pravrtteh).

A pluralidade de Purushas é justificada no Kārikā 18 assim:

(1) Por causa da diversidade de nascimentos, de mortes e dos meios de cognição e de ação (जननमरनकरणानां - jananamaranakaranānām)

(2) Por causa das ações que acontecem em diferentes momentos (प्रतिनियमात् - pratiniyamāt)
(3) Por causa das diferenças nas proporções das três gunas (त्रैगुण्यविपर्ययात् - traigunyaviparyayāt).

Outras Classificações Extraídas dos Comentários

A classificação dos cinco Ares Vitais (पञ्चप्राणाः – panchaprānāh ou पञ्चवायवः - panchavāyavah), a partir da enumeração de Gerald J. Larson (1987: 55), extraída do comentário Yuktidīpikā do Sāmkhya Kārikā 29 (Kumar, 1992: Vol. II, 230-41):[17]

(1) Respiração (प्राण - prāna): localizada no coração primariamente, mas também

[17] Necessário se faz observar que a natureza, as localizações e as funções destes cinco Ares Vitais (prānas ou vāyus) não são coincidentes nos comentários, estes são: o comentário Yuktidīpikā (Kumar, 1992: vol. II, 230-41), o comentário traduzido para o chinês por Paramārtha (Takakusu, 1932: 38-9), o comentário Tatttwa Kaumudi por Vāchaspati Mishra (Jha, 1965: १०४-५), o comentário por Gaudapādācharya (Sharma, 1933: 43-4) e o comentário por Narendra do Tattwa Samāsa, sūtras 09-10 (Sinha, 1915: appendix V, 11-2).

circulando na boca, no nariz e nos pulmões.

(2) Excreção (अपान - apāna): localizada no umbigo e partes inferiores do corpo

(3) Digestão (समान - samāna): localizada primariamente na região entre o umbigo e o coração, mas carregando nutrientes igualmente para todas as partes do corpo.

(4) Cognição (उदान - udāna): localizada primariamente no nariz e no cérebro, e capacitando um organismo de expressar sons inteligentes (comunicação, linguagem e assim por diante) e

(5) Homeostasia (व्यान - vyāna): compenetrando todo o corpo e presumidamente mantendo o geral equilíbrio físico e emocional de um organismo.

As Cinco Fontes da Ação (पञ्चकर्मयोनयः - panchakarmayonayah) extraídas do comentário Yuktidīpikā do Kārikā 29 do Sāmkhya Kārikā (Kumar, 1992: vol. II, 240). A enumeração é de Gerald J. Larson (1987: 55):

(1) Perseverança (धृति - dhrti)

(2) Fé (श्रध्दा - shraddhā)

(3) Desejo de satisfação (सुखा - sukhā ou इच्छा - icchā)

(4) Curiosidade (विविदिषा - vividishā)
(5) Desejo de não conhecer (अविविदिषा - avividishā).[18]

As Cinco Faculdades Cognoscitivas (पञ्चाभिबुद्धयः - panchābhibuddhayah), segundo o comentário de Narendra do sūtra 08 do Tattwa Samāsa (Sinha, 1915: appendix V, 10):

As três faculdades internas:

(1) Buddhi (बुद्धि - Intelecto)
(2) Ahamkāra (अहंकार - Egoísmo)
(3) Manas (मनस् - Mente

As 2 faculdades externas:

(4) Os Jnānendriyas (ज्ञानेन्द्रियाणि - olho, ouvido, nariz, língua e pele)
(5) Os Karmendriyas (कर्मेन्द्रियाणि - boca, mãos, pernas, órgãos genitais e órgãos de excreção).

A enumeração hierarquizada dos 14 tipos de criaturas da criação dos seres conscientes (bhautikah sarga), segundo os comentários dos versos 53-4 do Sāmkhya Kārikā (Takakusu, 1932:

[18] Estas cinco karmayonis (fontes da ação) são também mencionadas no sūtra 09 do Tattwa Samāsa (Kapila Sūtra), porém com uma interpretação diferente no comentário de Narendra (Sinha, 1915: appendix V, 11).

98; Sharma, 1933: 65; Jha, 1965: १४९ e Kumar, vol. II, 1992: 362):

Os 8 tipos celestiais (daiva):
(1) Brahmā
(2) Prajāpati
(3) Indra
(4) Pitrs
(5) Gandarvas
(6) Yakshas
(7) Rakshasas
(8) Pishachas
O tipo humano (mānushaka):
(9) Humano

Os 5 tipos animais (tairyagyonah):
(10) Gado (pashu)
(11) Animal selvagem (mrga)
(12) Ave (pakshin)
(13) Réptil (sarīsrpa)
(14) Coisa imóvel (sthāvara)[19]

---

[19] A inclusão de "coisa imóvel" (सथावर - sthāvara) destoa com o restante das criaturas, uma vez que "coisa imóvel" não é uma criatura viva (भूत - bhūta) da criação dos seres (भौतिकः सर्ग - bhautikah sarga). Para evitar este problema, Gerald J. Larson traduziu o termo तैर्यग्योन - tairyagyona (lit. de útero animal) por "ordem sub-humana", ao invés de "animal", a fim de incluir a "coisa imóvel" mencionada nos comentários (Larson: 1979: 271). M. Ganganath Jha traduziu

As 50 categorias (पदार्थाः - padārthāh) mencionadas nos versos 47-51 do Sāmkhya Kārikā e especificadas nos comentários:

Os 5 Erros (विपर्ययाः - viparyayāh), 1-05:

(1) Tamas (तमस् - Ignorância) com 8 subdivisões, isto é, falha em discriminar a Pura Consciência (Purusha) dos 8 Tattwas criadores (Prakrti, Intelecto, Egoísmo e os 5 Grande Elementos Densos).

(2) Ilusão (मोह - moha) ou preocupação com sua própria identidade. Possui 8 subdivisões, que é a busca dos seres mortais pelos conhecidos 8 poderes sobrenaturais (ashtasiddhis).

(3) Ilusão Extrema (महामोह - mahāmoha) ou apego apaixonado, com 10 subdivisões: apegos aos 5 Elementos Sutis (Tanmātras) e aos 5 Elementos Densos (Mahābhūtas). Ou apego aos 10 relacionamentos sociais básicos (pai, mãe, filho, irmão, irmã, esposa, filha, professor, amigo e colega).

(4) Melancolia (तामिस्र - tāmisra) com 18 subdivisões, é a frustação em não

---

a palavra मृग - mrga por “veado”, ao invés de “animal selvagem” (Jha, 1965: १४९.

alcançar os 8 poderes sobrenaturais (ashtasiddhis), ou o aborrecimento com os 10 Elementos Materiais (sutis e densos), ou com os 10 relacionamentos básicos.

(5) Melancolia Cega (शन्धतामिस्र - andhatāmisra) é o temor instintivo da morte, com 18 subdivisões. Ao contrário do caso anterior, em razão da ignorância, o indivíduo desenvolve apego aos oito poderes sobrenaturais (ashtasiddhis) e aos 10 relacionamentos básicos.

As 28 categorias (padārthāh) das incapacidades físicas e mentais (अशक्तयः - ashaktayah) (06-33):

11 das quais são os danos dos órgãos dos sentidos (cegueira, surdez, insensibilidades, mudez, etc.), danos das 5 capacidades motoras (paralisias, etc.) e da mente, e 17 estão relacionadas aos danos no intelecto.

As 9 Satisfações (तुष्टयः - tushtayah) (34-42)

As 4 Satisfações Internas:

(34) Natureza (प्रकृति - prakrti)

(35) Meio (उपादान - upādāna)

(36) Tempo (काल - kāla)

(37) Sorte (भाग्या - bhāgyā)

As 5 Satisfações Externas são as 5 Abstinências:

(38) de ganhar (riquezas)
(39) de acumular
(40) de desperdiçar
(41) de prazeres
(42) de matar

As 8 Categorias (padārthāh) que representam as autênticas conquistas (siddhis) que conduzem para a liberação final (43-50):

(43) Reflexão racional (ūha)
(44) Instrução correta de um mestre qualificado (shabda)
(45) Estudo cuidadoso (adhyayana)
(46) Discussão reflexiva com parceiros apropriados (suhrtprāpti)
(47) Um aberto temperamento disciplinado (dāna)
(48) Uma progressiva superação das frustações do corpo e da mente
(49) Uma progressiva superação das frustações da existência material e social
(50) Uma progressiva superação das frustações relacionadas ao ciclo de nascimentos e mortes.

O Sistema Sāmkhya no seu Tempo e Lugar

Quando situado na cultura da Antiguidade, o Sāmkhya representa uma formidável façanha especulativa para aquela época, quando poucos povos possuíam literatura, muito menos curiosidade investigativa. Gerald J. Larson resumiu assim a importância do Sāmkhya na cultura da Ásia meridional: "Tal como é bem conhecido, a influência do Sāmkhya é geral na vida cultural do sul da Ásia, não apenas na filosofia, mas também na medicina, no direito, na política, na mitologia, na cosmologia, na teologia e na literatura devocional. O Sāmkhya foi evidentemente um descendente direto da antiga e assistemática especulação upanixádica, um precursor de muito da literatura científica da Índia e um antigo parente dos primeiros esforços filosóficos no sul da Ásia (incluindo as tradições jainista, budista, Vaisheshika, Mīmānsā e Yoga) (Larson, 1987: 43). Significando que, o Sāmkhya tem muitos méritos, porém quando bem enquadrado em sua época e em seu lugar.

Entretanto, quando, por outro lado, ele é apontado por admiradores deslumbrados como uma filosofia contemporânea, tal como ainda fazem alguns intérpretes hindus, teósofos e esoteristas modernos, ou até mesmo como um complemento da Ciência atual, tal como a afirmação delirante de Sri Aurobindo de que o

"Sāmkhya explica o que a moderna ciência deixa na obscuridade" (Aurobindo, 1997: 74).[20] Pois, quando percebido desde a perspectiva do desenvolvimento das ideias, o Sāmkhya representa um conjunto de obsoletas especulações antigas engessadas pelo conservadorismo. Portanto, quando entendido deste uma perspectiva histórica, podemos reconhecer os seus êxitos especulativos no

---

[20] Muito pelo contrário, alguns estudiosos percebem muitas obscuridades é no sistema Sāmkhya. Uma das mais flagrantes, por exemplo, é a reproduzida por Johannes Bronkhorst, citando Eli Franco, relativa à obscuridade da cosmologia: "Uma das razões porque muitos de nós sentimos desconfortáveis com a filosofia Sāmkhya é que nós nunca estamos bem seguros onde nós estamos pisando e se os antigos mestres estavam falando de psicologia ou de cosmologia. Termos individuais e psicológicos típicos tais como cognição, ego, mente, órgãos dos sentidos e até mesmo mãos, pés, língua, anus e pênis, tornam-se trans-individuais e assumem dimensões cosmológicas" (Bronkhorst, 1999: 679, citando Eli Franco: 1991: 123). A rigor, quando estudamos a doutrina Sāmkhya desapaixonadamente, o que percebemos é que ela é mais classificatória e enumerativa do que explicativa, por isso o nome Sāmkhya (enumeração, cálculo, numeral). Comparativamente, explica muito menos que até a antiga *Scala Naturae* (Escada da Natureza) dos filósofos gregos, depois absorvida e desenvolvida pela Cristianismo Medieval.

passado, alcançados através do raciocínio e da lógica, em uma época e em um lugar cercados de mitos e de superstições sobre a criação e a estrutura do mundo. O Sāmkhya foi algo como um primeiro movimento iluminista na Índia, o qual procurou conhecer a criação através da especulação racional, algo como a autonomia do intelecto de sua dependência dos mitos e das superstições, uma façanha intelectual semelhante aos filósofos pré-socráticos na Grécia Antiga. Enfim, o Sāmkhya tem os seus méritos quando bem enquadrado no seu tempo e no seu lugar, agora, muito diferente é tentar atualizar as primitivas especulações do Sāmkhya, ou até mesmo colocá-las em um degrau acima do atual conhecimento científico, tal como fazem alguns deslumbrados intérpretes contemporâneos.

Como sistema, nunca se transformou em uma religião institucionalmente organizada, mas permaneceu como uma tradição especulativa por alguns séculos, até se fundir com o sistema Yoga de Patanjali, servindo-lhe de suporte teórico, união que passou a ser conhecida por Sistema Sāmkhya-Yoga, ou seja, o Sāmkhya o lado teórico e o Yoga o lado prático do sistema. Então, quando lemos a literatura Sāmkhya, exceto os comentários mais tardios, percebemos a sua independência da ortodoxia védica, por isso os confrontos com os sistemas ortodoxos nos comentários. Mesmo

assim, foi canonizado como um dos Seis Sistemas Ortodoxos do Hinduísmo (Vaidika Darshanas).

Suas ideias foram absolvidas por alguns sistemas religiosos hindus, sobretudo as doutrinas dos Tattwas e das Gunas, como modelos cosmológicos e psicológicos respectivamente, tais como os Bhāgavatas, a tradição Pancharātra, o Shivaísmo da Caxemira, o Yoga de Patānjali, a tradição Shaiva Siddhānta e o Shākta Tantra. Apesar das diferenças nas classificações, sua influência nas enumerações dos elementos da existência no Budismo e no Jainismo pode ser considerável.

O Evolucionismo Flexibilizou a Tipologia

Apesar do primitivismo e do obsoletismo das especulações, as doutrinas do Sāmkhya ainda são reconhecidas como atuais e seguidas por muitos devotos nas religiões hindus e por esotéricos contemporâneos. Então, vishnuistas, shivaístas, praticantes de yoga, teósofos e esoteristas entendem que a cosmologia dos tattwas é uma revelação eterna, portanto atual.

Entretanto, sem conhecimento do mecanismo por trás das mudanças ao longo dos tempos, os especuladores antigos só foram capazes de entender o mundo desde uma perspectiva sincrônica, ou seja, tudo sempre foi do

modo que está agora. Com isso, a categorização e a enumeração de coisas e de fenômenos eram visões esclarecedoras para os antigos, pois colocavam as coisas em seus devidos lugares e em ordem hierarquizada. Um exemplo conhecido na cultura europeia é a Scala Naturae (Escada da Natureza) também conhecida por Grande Cadeia do Ser, uma tipologia hierarquizada dos seres e das coisas começando com deus, em seguida os anjos, os demônios, as estrelas, a Lua, os reis, os nobres, os plebeus, os animais domésticos, os animais selvagens, as plantas, as pedras preciosas, os metais preciosos e os outros minerais, criada pelos filósofos gregos (Platão, Aristóteles, Plotino e Proclo), depois absorvida e desenvolvida pelo Cristianismo Medieval, até alcançar o seu apogeu no Neoplatonismo Renascentista (Lovejoy, 1978: *passim*), finalmente desmoronada no século XIX com a esclarecedora Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin e com as posteriores constatações no século XX da ocorrência da Evolução no universo, na natureza, na sociedade, na linguagem, na cultura, etc.

Ao introduzir a historicidade nas ciências, Charles Darwin (1809-82) mudou tudo, desde a biologia até as outras ciências (Cosmologia, Geologia, Linguística, etc.), passando pela visão de mundo das pessoas em geral. Nenhuma outra ideia foi tão influente quanto o Evolucionismo.

Sendo assim, ele foi um golpe no intransigente critério de categorização rigorosa de itens estáticos dentro de uma classe ou de uma espécie. Também, desconhecendo os bilhões de anos de evolução do universo e da Terra, os antigos pensavam que tudo surgiu do mesmo modo que se apresenta no momento. Por exemplo, o homem sempre foi o mesmo, quer fisicamente ou culturalmente, bem como a Terra sempre foi a mesma, sem alterações geológicas na crosta, no manto, na superfície, consequentemente na geografia, itens que alteraram muito durante as muitas eras geológicas. Enfim, as especulações antigas eram especulações sem historicidade. Então, se os religiosos e os esoteristas entendem que as primitivas especulações eram revelações divinas e eternas, por que os antigos videntes (tattwavids) não introduziram a historicidade em suas revelações no passado, ao invés de tratar tudo de maneira sincrônica?

O Evolucionismo, dentre tantos outros resultados, é um desmoronamento da ideia Sāmkhya de enumeração tipológica do universo em rigorosas categorias hierarquizadas (tattwas), a especulação era tão primitiva que, tal como já mencionamos acima, confundia cosmologia com psicologia. Assim, em algumas passagens de sua literatura, não é possível às vezes identificar se mahat (intelecto) é um princípio (tattwa) cósmico

ou um princípio psicológico, o mesmo com a mente (manas) e os sentidos (indriyas). Então, talvez na tentativa de corrigir esta confusão, os sistemas que absorveram a doutrina Sāmkhya dos tattwas enumeraram estes princípios diferentemente. Por exemplo, o Shivaísmo da Caxemira enumerou e classificou os 25 tattwas do Sāmkhya como Tattwas da Indivíduo Limitado (Purusha e Pakrti), Tattwas da Operação Mental (Mahat, Ahamkāra e Manas), Tattwas da Experiência Sensível (os Jnānendriyas, os Karmendriyas e os Tanmātras) e os Tattwas da Materialidade (os 5 Mahābhūtas). Além destes, os cinco Tattwas da Experiência Individual Limitada, ausentes na classificação Sāmkhya Clássica (Kalā, Vidyā, Rāga, Kāla, Niyati) (Singh, 1982: xxiii-xxviii). Já os tattwas cósmicos, foram enumerados como Tattwas da Experiência Universal (Shiva tattwa, Shakti tattwa, Sadāshiva tattwa, Ishwara tattwa e Sadvidyā tattwa) (idem, xxii-xxiii).

O Evolucionismo provou que não existe espécie imutável, Charles Darwin já tinha postulado a ideia da Não-constância das Espécies, isto é, de que as espécies estão em constante evolução. Também, excluiu a Teleologia do estudo da natureza, ou seja, provou que não existe uma marcha teleológica de todas as espécies rumo à perfeição maior, com a

descoberta do mecanismo da seleção natural por trás das mudanças.

Classificação Muito Incompleta

Quando da leitura das doutrinas do Sāmkhya, a primeira ideia que se deve levar em conta é o primitivismo das especulações, ou seja, que estamos lendo sobre as curiosidades de investigadores de um passado bem distante sem instrumentos, sem ferramentas e sem recursos científicos de pesquisa, portanto uma modalidade de investigação pré-científica. Pois, qualquer um que conhece as ciências atuais, ao ler sobre a classificação Sāmkhya dos tattwas, percebe a incompletude e a superficialidade da enumeração, quando comparada com as tantas descobertas científicas ocorridas durante os anos seguintes. Enumerar todos os avanços aqui seria impossível, em razão da incontável quantidade de descobertas posteriores. Porém, para o momento, analisarei apenas alguns itens que chamam a atenção pela obsolescência. Na enumeração dos tattwas, no processo de surgimento do universo, o foco está quase exclusivamente no homem, portanto uma criação mais antropocêntrica do que cósmica, a qual ignora as milhões de outras espécies que existem ou que já existiram. Sabemos muito bem hoje que o modelo humano não serve como o modelo universal de criação,

uma vez que o homem é apenas uma espécie dentre milhões de outras existentes ou que já existiram. Também, os antigos não conheciam o indispensável papel do cérebro no funcionamento do intelecto, da mente, dos sentidos cognitivos e motores. Sabemos hoje que o funcionamento destes órgãos é muito mais complexo do que a primitiva e ingênua simplicidade exposta na interpretação Sāmkhya. Para fornecer apenas um exemplo, no sistema Sāmkhya são enumerados apenas os 5 sentidos cognitivos externos (jnānendriyas), pois os antigos não conheciam os sentidos internos. Hoje sabemos que o sentido do tato é dividido em sentido externo e sentido interno. O sentido do tato (percepção pelo contato), por exemplo, se divide em outros 4 sentidos externos e internos descobertos posteriormente:

a) Sistema Somatossensorial: sistema complexo de neurônios sensoriais e vias neurais que responde às mudanças na superfície e dentro do corpo.
b) Propriocepção ou Cinestesia: é a capacidade de perceber a localização espacial do corpo, sua posição e orientação no ambiente, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais. Esta é a capacidade sensorial que temos de dormir sem cair da cama durante o sono.

c) Termocepção: é a percepção das alterações térmicas do ambiente (exemplo: frio ou quente) e do interior do corpo (exemplo: o calor da febre).
d) Nocicepção: é a percepção de estímulos aversivos, transmissão, modulação e percepção de estímulos agressivos. Os receptores de danos deste sistema são chamados de nociceptores. Uma percepção muito comum é a dor.

Ademais, ainda quanto aos sentidos, os antigos não conheciam o sentido através da ecolocalização, isto é, a emissão de ultrassom (biosonar) que ecoa em contato com os obstáculos, peculiar nas baleias, nos golfinhos e nos morcegos, fazendo com que estes animais sejam capazes de perceber objetos ou criaturas em águas turvas e na escuridão respectivamente. Também, os antigos não conheciam a extraordinária orientação através da percepção do campo magnético da Terra nas aves migratórias. Bem, os exemplos de descobertas posteriores são muitos, se forem enumerados todos, seria necessária uma enciclopédia muito extensa.

Outra razão para que os sentidos não sejam categorizados tão rigidamente, em função da possibilidade de o cérebro interferir no processo de cognição, um exemplo dentre outros, é a ocorrência da sinestesia, aquele fenômeno de distorção cognitiva ocorrida no cérebro, cujo

estímulo de uma modalidade sensorial possibilita a experiência de uma outra modalidade sensorial diferente. Isto é, o som é visto como uma forma, o som é percebido como um odor ou como uma cor e assim por diante, as combinações são muitas. As experiências sinestésicas já eram notadas desde muitos séculos, porém passaram a ser estudas neurologicamente apenas a partir das primeiras décadas do século passado (para detalhes, ver: Robertson & Sagiv, 2005 e Cytowic, 2018).

Ordem Inversa da Criação

Quando comparada com a atual ordem da formação do universo e da Terra, reconhecida pela História Natural, a ordem da criação no Sāmkhya aconteceu no sentido contrário, isto é, do fim para o início. Pois, o que surgiu primeiro na história científica da criação foi o que surgiu por último na especulação Sāmkhya (Christian, 2004; Langmuir, 1012 e Baggott, 2018). Segundo este último sistema, o complemento da criação aconteceu com o surgimento dos 5 Elementos Densos (Mahābhūtas: terra, ar, água, fogo e éter), depois da criação do Intelecto, do Egoísmo, da Mente, dos Sentidos Cognitivos e dos Sentidos Motores, bem como depois do surgimento dos 5 Elementos Sutis: forma, odor, gosto, tato e som. Um processo de criação desta maneira só é

possível acontecer se ocorrer de maneira instantânea, ou quase simultânea, pois, do contrário, se os 5 Elementos da Materialidade (Mahābhūtas) fossem criados por último, conforme o longo tempo de demora para a criação do mundo, a visão não teria forma para enxergar, o ouvido não teria som para ouvir, os órgãos da ação (pernas) não teriam sobre o que caminhar, a mente não teria sobre o que pensar e o intelecto não teria sobre o que raciocinar, também, o corpo do homem recém criado não teria com o que se alimentar, uma vez que a Terra ainda não existia. A criação do homem antes da criação do mundo não contraria apenas a explicação da História Natural, mas também quase todas as versões mitológicas da criação em outras tradições. Por exemplo, no relato mais extenso da Bíblia (Gênesis, 01: 01-27), a ordem da criação é a seguinte: primeiro foi criado o céu, depois as águas, a Terra, a flora, o sol e a lua, a fauna e finalmente o homem. Enfim, a ordem do surgimento do universo no Sāmkhya está na contramão de quase todas as outras mitologias e da história científica da criação (para aprofundamento, ver: Kragh, 2004 e 2007).

Cosmologia Sem Astronomia

A pretensa cosmologia Sāmkhya é tão desajeitada e tão contaminada por

antropocentrismo que alguns autores até a desconsideram como cosmologia propriamente, ou até mesmo como cosmogonia antiga. O autor Helge S. Kragh, por exemplo, em sua abrangente obra de referência: *Conceptions of Cosmos: From Myths to the Accelerating Universe: A History of Cosmology* (Concepções de Cosmos: dos Mitos até o Universo em Aceleração: Uma História da Cosmologia) omitiu a menção da cosmologia Sāmkhya, quando tratou das antigas concepções de cosmos nos primeiros capítulos. Ele mencionou em um parágrafo a doutrina hindu dos ciclos cósmicos (yugas), mas não mencionou a doutrina dos tattwas como cosmologia, tampouco como cosmogonia (Kragh, 2007: 13).

Pois, não é raro encontramos autores falando de "Cosmologia Sāmkhya" em seus livros e artigos, com a convicção de que aquilo que está exposto pelos adeptos desta tradição é cosmologia no sentido científico do termo, ou até mesmo no sentido contemporâneo de cosmologia. Antes de tudo é preciso esclarecer que esta imaginária "Cosmologia Sāmkhya" é uma cosmologia sem astronomia, isto é, sem os componentes do cosmos tais como as estrelas, os planetas, as luas, os cometas, os asteroides, a gravidade, as nebulosas, os buracos negros, a poeira estrelar, etc. Pois, a rigor, não existe e nunca existiu uma cosmologia sem astronomia. Uma cosmologia sem astronomia é algo como

uma matemática sem o número, ou uma engenharia sem a física, ou uma filosofia sem a lógica, e para dizer de uma maneira cômica, é algo como um almoço sem a comida.

Bibliografia Selecionada

APTE, Vaman Shivram. *The Practical Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1978.

AUROBINDO, Sri. *Essays on the Gita*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram, 1997.

BAGGOTT, Jim. *Origins: The Scientific Story of Creation*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BOTELHO, Octavio da Cunha. *The Divergences in Translations of the Bhagavad Gītā*. July 2020, Eletronic Edition. DOI: 10.13140/RG.2.2.25217.89444

BRONKHORST, Johannes. *The Contradiction of Sāmkhya: on the Number and the Size of the Different Tattvas* in *Études Asiatiques Asiatische Studien* 53(3), 1999 (Proceedings of the Conference on *Sāmkhya*, Lausanne, 06-8 November, 1998), pp. 679-91.

BURLEY, Mikel. *Classical Sāmkhya and Yoga: An Indian Metaphysics of Experience*. London/New York: Routledge, 2007.

CHAKRAVARTI, P. *Origin and Development of the Sāmkhya System of Thought*. Calcutta: Metropolitan Printing and Publishing House, 1951.

CHRISTIAN, David. *Maps of Time: Introduction to Big History*. Berkeley: University of California Press, 2004.
COOKE, Harold P. (tr.). *Aristotle, The Organon: The Categories on Interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1955.
CUNNANE, Stephen C. and Kathlyn M. Stewart (eds). *Human Brain Evolution: The Influence of Freshwater and Marine Food Resourses*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010.
CYTOWIC, Richard E. *Synesthesia*. Cambridge: The MIT Press, 2018.
DASGUPTA, S. *A History of Indian Philosophy* (05 volumes). Delhi: Motilal Banarsidass/Cambridge University Press, 1975
EDGERTON, Franklin. *The Beginnings of Indian Philosophy*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1965.
FRAUWALLNER, Erich. *History of Indian Philosophy*, vol. I. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1997, p. 217-321.
FURLEY, David. *The Greek Cosmologists: volume 01, The Formation of the Atomic Theory and its Earliest Critics.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
JHA, M. Ganganath (tr.). *The Tattva-Kaumudi: Vācaspati Misra's Commentary on the Sāmkhya Kārikā.* Poona: Oriental Book Agency, 1965.

JOHNSON, E. H. *Early Sāmkhya: An Essay on its Historical Development according to the Texts*. London: The Royal Asiatic Society, 1937.

KEITH, A. B. *The Sāmkhya System: A History of the Samkhya Philosophy*. Calcutta/London: Association Press/Oxford University Press, 1949.

KRAGH, Helge S. *Matter and Spirit in the Universe: Scientific and Religious Preludes to Modern Cosmology*. London: Imperial College Press, 2004.

______________ *Conceptions of Cosmos: From Myths to the Accelerating Universe: A History of Cosmology*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

KUMAR, Shiv and D. N. Bhargava (trs.). *Yuktidīpikā*, 2 volumes, Delhi: Eastern Book Linkers, 1992.

LANGMUIR, Charles H. and Wally Broecker. *How to Build a Habitable Planet: The Story of Earth from the Big Bang to Humankind.* Princeton: Princeton University Press, 2012.

LARSEN, Kristine M. *Cosmology 101*. Westport: Greenwood Press, 2007.

LARSON, Gerard James. *Classical Sāmkhya: An Introduction of its History and Meaning.* Delhi: Motilal Banarsidass, 1979.

______________________ and R. S. Bhattacharya (eds.). *Sāmkhya: A Dualist Tradition in Indian Philosophy* in *Encyclopedia of Indian*

Philosophies, volume IV. Delhi: Motilal Banarsidass/Princeton University Press, 1987.
LOVEJOY, Arthur O. *The Great Chain of Being: A Study of the History of an Idea*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
MATSUBARA, Mitsunori (tr.). *Pāncarātra Samhitās and Early Vaisnava Theology*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1994.
RADHAKRISHNAN, S. *Indian Philosophy*, volume II. Bombay: Blackie & Son Publishers, 1983, p. 248-335.
___________________ and C. A. Moore (eds.). *A Sourcebook in Indian Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
RHYS DAVIDS, Caroline A. F. (tr.). *A Buddhist Manual of Psychological Ethics* (Dhamma-Sangani). New Delhi: Oriental Books Reprint Corporation, 1975.
ROBERTSON, Lynn C. and Noam Sagiv (eds.). *Synesthesia: Perspectives from Cognitive Neuroscience.* New York/Oxford: Oxford University Press, 2005.
SHARMA, Har Dutt. *The Sāmkhya Kārikā: Isvara Krsna's Memorable Verses on Sāmkhya Philosophy with the Commentary of Gaudapādācharya*. Poona: The Oriental Book Agency, 1933.
SINGH, Jaideva (tr.). *Siva Sūtras: The Yoga of Supreme Identity*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1982.

SINHA, Nandalal (tr.). *The Sāmkhya Philosophy* (*The Sacred Books of the Hindus*, vol. XI). Allahabad: The Panini Office, 1915.

SCHRADER, F. Otto. *Introduction to the Pāncarātra and the Ahirbudhnya Samhitā.* Madras: The Adyar Library and Research Center, 1995.

TAGARE, Ganesh Vasudeo (tr.). *The Bhāgavata Purāna*. Delhi: Motilal Banarsidass, parts I and II: 1986; part III: 1987; part IV: 1988 and part V: 1989.

TAKAKUSU, M. (tr.). *The Samkhya Karika: Studied in the Light of its Chinese Version by Paramārtha* (Supplement to the Madras University Journal). Madras: Diocesan Press, 1932.

VAN BUITENEN, J. A. B. *Studies in Samkhya* (I) in *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 76, No 03 (Jul-Sep 1956), p. 153-7.

_____________________ *Studies in Samkhya* (II) in *Journal of the American Oriental Society,* Vol. 77, No 01 (Jan-Mar 1957a), p. 15-25.

_____________________ *Studies in Samkhya* (III) in *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 77, No 02 (Apr-Jun 1957b), p. 88-107.

VASSILKOV, Yaroslav. *The Gītā Versus the Anugītā: Were Sāmkhya and Yoga ever Really One?* Proceedings of the Third Dubrovnik International Conference on the Sanskrit Epics and Purānas. September 2002. Eds: P. Koskikallio and M. Jezic. Zagreb: Croatian Academy of Science and Arts, 2005, p. 221-54.

WOOD, Bernard. *Human Evolution: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2005.